

UMA APROXIMAÇÃO À COMPREENSÃO DO MITO DE NARCISO ATRAVÉS DA PSICANÁLISE

Marli Rodrigues de Oliveira¹, Sérgio Rodrigues de Souza²

¹Estudante de Graduação em Psicologia – Faculdades Doctum - Unidade Serra - ES, Brasil. (marli.olv@hotmail.com)

²Facultad Interamericana de Ciencias Sociales – FICS – Asunción – Paraguai (srgrodriguesdesouza@gmail.com)

Resumo: Este artigo científico aborda o mito de Narciso através da Psicanálise, buscando realizar uma leitura profunda e criteriosa dos processos que marcam os sintomas do personagem clássico, que se perde de amores pela imagem que vê refletida no espelho d'água e que, por nunca ter visto seu próprio rosto, não sabe que é ele próprio. O indivíduo narcísico ignora até mesmo a sua identidade como ser pertencente a uma espécie; não sabe como aplicar seus sentimentos à realidade objetiva, porque da mesma maneira que ignora a sua identidade como indivíduo, também ignora-a quanto ao sentido fenomenológico da mesma.

Palavras-chave: Mito de Narciso; Narcisismo; Ninfa Eco; Psicanálise; Freud.

INTRODUÇÃO

A Psicanálise [na *persona* de Freud, em especial] buscou nos mais diversos campos da história antiga, na mitologia clássica, elementos epistemológicos e empíricos que a auxiliassem a explicar os diversos sintomas que os pacientes doentes dos nervos e com dificuldade de adaptação ao modelo social, apresentavam durante as observações clínicas realizadas pelos analistas. Um destes campos que mais forneceu elementos simbólicos e, poderia dizer, semióticos para que Sigmund Freud e seus discípulos pudessem ampliar o leque de caracteres psicodinâmicos de síntese da personalidade humana foi o da mitologia grega.

Um destes elementos mais poderosos foi o conto sobre Narciso, um jovem de extrema beleza que apaixonou-se pela própria imagem e recusa-se a parar de admirá-la até que sucumbe à morte e como forma de piedade, os deuses o transformam em uma bela flor que recebeu o seu próprio nome.

O grego era, extremamente, ligado à ideia de destino, logo, toda situação inusitada que fugisse ao seu entendimento não era tratado como doença psicológica e sim como uma maldição de algum deus iracundo porque fora protelado ou recusado em seus avanços amorosos com relação aos humanos. E, como forma de se sobrepor ao ordálio, costume que a civilização ateniense cuidou de classificar como coisa de bárbaro e como uma ação bestial e primitiva, fez-se necessário que criasse um ser contra o qual nem mesmo Zeus-Pai detinha o poder de mudar seu curso de ação, o Destino, este regido pelas Moiras. Uma vez amaldiçoado, ao humano em desgraça,

cabia tão somente aguardar, de forma resiliente o seu desfecho. Não havia mais como evitá-lo, ou seja, nenhum humano detinha o poder de decidir sobre sua existência, estando esta condicionada ao humor de cada interessado pelo bem ou pelo mal do indivíduo objeto-alvo da paixão de um deus ou semi-deus.

Narciso não entra como uma doença para o meio clínico, somente os sintomas apresentados pelo personagem são que ganham destaque e passa a ser denominada de *narcisismo*, uma anomalia psicopatológica em que o paciente vive a admirar-se a si próprio, recusando a vivência com outras pessoas, em especial negando-as como objeto amoroso.

A doença tomou uma conotação vulgar e com isto seu sentido estrito a uma patologia clínica tornou-se objeto de críticas a qualquer um que tenha uma atitude mais voltada para o individualismo, o que nem sempre quer dizer que o indivíduo sofra desta condição. Isto se deve à popularização da Psicanálise e a uma tentativa de psicopatologização da sociedade de massa. Porém, “o narcísico, depois de tantos anos, é aquela pessoa que tem tanta admiração por sua própria imagem que seu impulso sexual não ultrapassa as fronteiras de seu próprio corpo. Ele não transfere, não divide. Ele se completa a si mesmo” (Boechat, 2014, p. 24).¹

O narcisismo é uma doença psicopatológica séria e seu possuidor necessita de um acompanhamento conduzido por um profissional devidamente habilitado que possa conduzir o paciente a uma

¹ BOECHAT, Fabrício. *Curso de Psicanálise Clínica - Módulo1: Teoria Psicanalítica I*. Associação Intercontinental de Psicanálise Clínica. Vila Velha, 2014, p. 24.



convivência externa saudável e confiante. É um estado infantilizado da personalidade, em que esta não ultrapassou a condição de aceitação de si mesmo como alguém real, ou seja, este indivíduo tem-se a si como um outro que, tanto pode ser odiado como pode ser amado, o que geralmente ocorre, porque a figura que vê refletida o completo em sua condição de vazio existencial.

MATERIAL E MÉTODOS

Para conduzir este estudo, adotou-se uma abordagem metodológica bibliográfica, descritiva (Gil, 2020) como base, a partir de uma revisão sistemática sobre o tema. Os artigos selecionados foram submetidos a uma análise de conteúdo para examinar sua relevância e adequação aos objetivos do estudo. A exposição e interpretação dos resultados foram realizadas após essa análise. Como forma de ampliar e aprofundar investigação, determinada a atingir os objetivos propostos, adotou-se, como método, uma pesquisa integrativa, que tem como finalidade realizar um estudo analítico. Neste sentido, a investigação integrativa se apresenta como uma ampla abordagem metodológica, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão profunda e determinante dos assuntos analisados (Whittemore & Knafl, 2005).

Este artigo foi produzido a partir da leitura e interpretação de autores clássicos sobre o tema, buscando em artigos científicos e livros, resultados, teorias e práticas que se mostrassem condizentes com as expectativas de desenvolvimento do mesmo. Fundamentou-se, ainda, na práxis pedagógica do autor, que atuam na área, como professor, especialista e pesquisador, desenvolvendo projetos no referido campo de conhecimento.

Como instrumento metodológico foi utilizado a pesquisa bibliográfica, consultando livros e artigos que versam sobre o tema, a fim de tornar mais transparente e ampla a produção. Como métodos de interpretação dos textos consultados foi utilizado a análise bibliográfica sistemática. A metodologia deste estudo baseia-se em análises realizadas em livros e artigos, considerando os principais aspectos e abordagens sobre a temática abordada, aliada à práxis pedagógica do autor.

Este estudo se fundamenta no pensamento de Mikúlskiy (1985), para quem, “a via para o descobrimento dos mecanismos e regularidades do desenvolvimento da ciência, pelo qual entendemos, em primeiro lugar e de maneira principal, a criação de novo conhecimento, não consiste em limitar a investigação em princípio, exclusivamente ao campo do desenvolvimento lógico dos conceitos científicos,

para a qual nos convida o internalismo, nem em reduzir a explicação da história da ciência exclusivamente às condições sociais e econômicas, o que infrutuosamente tratam de fazer os externalistas. Este caminho radica na consciência e relação da unidade didática e a interação do conteúdo da ciência e as condições sociais e econômicas, culturais e históricas e os fatores pessoais com a influência determinante da prática histórico-social no desenvolvimento desta interação” (p. 14).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O MITO DE NARCISO

Narciso é um personagem clássico da mitologia grega ao qual atribuem uma paixão desvairada, incontrolável e ensandecida por si mesmo. A história conta que a ninfa da floresta Eco um dia avistou o jovem enquanto este passeava e foi tomada de amores por ele, que a rechaçou. Ela, angustiada com tal atitude do rapaz, o amaldiçoa dizendo que viria a apaixonar-se perdidamente por si próprio. Há outra versão da história de que sua mãe, Liríope, quando do nascimento de Narciso consulta um Oráculo, acerca do destino do filho e este responde-lhe que ele viveria muito tempo, desde que jamais visse a sua própria imagem refletida. Sua mãe, assim, o priva de espelhos até que um dia, Narciso chega a beira de um lago e vê seu rosto refletido nas águas cristalinas e encanta-se com o jovem tomando-se de amores e recusa-se a abandonar o amante. De tanto ficar a admirar sua própria imagem entra em estado de inanição e já quase à beira da morte os deuses apiedam-se do mesmo e ele se lança, sem qualquer comedimento, nos braços do amado, sendo transformado em uma flor que recebe o seu nome.

Narram as lendas que, certa vez, Narciso passeava nos bosques e suspeitando de que estava sendo seguido, perguntou: “quem está aí?”. E ouviu: “Alguém aí?”. Então, ele gritou novamente: “Por que foges de mim?”. E ouviu: “foges de mim”. Até dizer: “Juntemo-nos aqui” e ter como resposta: “juntemo-nos aqui”. Toda essa repetição acabou deixando Narciso angustiado por desejar amar algo que não poderia ver. Narciso entristeceu-se e foi à beira de um lago, onde, de modo surpreendente, deparou-se com sua imagem nos reflexos da água. Como nunca antes havia se olhado (pois sua mãe fora recomendada a não permitir que isso jamais ocorresse), enamorou-se, perdidamente, pela imagem que viu projetada no espelho d’água, acreditando ser aquela a criatura com quem estava *dialogando* (Cabral, 2016).

Este é o ponto alto da narrativa sobre Narciso, porque se tem a crer que ele toma de amores a si mesmo, quando está a adorar uma imagem produzida no



espelho da água e que sua imaginação deu vida e poder, não respondendo aos seus anseios mais profundos de uma realização completa, porque não podia tocar o seu objeto de amor ou relacionar-se, de maneira íntima, como ele. Assim que, satisfaz-se com esta condição e é neste ponto que Sigmund Freud vai tomar o personagem e sua atitude como o ponto nevralgico para interpretar indivíduos que se comportam da mesma maneira em suas relações afetivas, tanto consigo mesmos quanto com seus respectivos objetos de paixão.

O mito de Narciso faz parte do círculo de histórias pré-homéricas que encantavam as pessoas pela sua força e robustez; porém, careciam de brilho e de denotação poéticas (Souza, 2019), as quais foram dadas muito mais tarde por Públio Ovídio Naso (43 a.C.-17/18 d.C.), ao escrever sua obra magna, *As Metamorfoses*. Inicialmente era uma história contada acerca de um jovem que morreu por inanição de tanto ficar admirando a própria imagem refletida nas águas cristalinas de um lago e que negava-se a abandonar aquela figura que julgava ser outro, por quem fora tomado de uma paixão incontrolável. Possivelmente, em sua época tratasse de um caso de esquizofrenia. Mas, com o advento da religião na Grécia pode também ter servido para alertar os jovens para o perigo de não desejarem contrair matrimônio e que o destino de Narciso foi o castigo de algum deus por sua teimosia, ou seja, era um indivíduo que incorreu em *hybris* e, portanto, foi exemplarmente, punido. Há versões tardias (pós-homérica) do mito que dizem que ao nascer o oráculo advertiu sua mãe de que ele jamais poderia ver a própria imagem, mas como toda mensagem oracular contém uma infinita possibilidade de interpretações, pode até que sua mãe tenha entendido que seu filho fosse cego, jamais que iria perder-se a admirar uma auto imagem em algum lago, um reflexo de si mesmo.

O mito de Narciso abre caminhos para várias interpretações dentro do campo da psicopatologia, em especial no estudo da Psicanálise, em que se procura tomar os contos clássicos da Antiguidade a partir de uma hermenêutica ampla e profunda até se aproximar de um entendimento mais complexo sobre os elementos que expressam acerca da estrutura personológica humana. As interpretações que se tem até o momento sobre Narciso e sua representação psíquica não esclarecem o seu comportamento em particular e, o que Freud toma é a figura mitológica e sua condição peculiar para fundamentar um problema humano, natural e que, somente quando ultrapassa os limites permitidos é que ocorre a necessidade de intervenção clínica.

A DOENÇA DE NARCISO – O NARCISISMO?!

Narciso não apaixona-se pela própria imagem, porque desconhecia-a. Nunca disseram-lhe que ele era ele. Tal qual um bebê frente a um espelho se espanta e, paradoxalmente, encanta-se com a sua primeira visão de uma imagem de alguém a quem desconhece, porque não faz parte do constructo familiar e chega mesmo a odiar aquele intruso que está do outro lado, volta-se para os braços afetuosos da mãe, na tentativa de provar que ainda é o soberano da família.

Mas, Narciso não tinha ninguém a quem perguntar quem ou que era aquela imagem misteriosa que apresentava-se-lhe refletida na superfície do lago. E a cada vez que perguntava à figura que via expressa no espelho da água, era assolado pela mesma pergunta que reverberava através do silêncio selvagem e escandaloso da selva; e quando respondia ao seu interlocutor este respondia-lhe que era Narciso. Daí que quando interrogado sobre quem tanto admirava naquele riacho, ele respondia que o nome de seu amigo e amante era Narciso. E toda vez que Narciso tentava tocar aquele imaculado rosto infantil, a sua figura era desfeita e a tristeza e a solidão voltavam a serem as únicas companheiras fiéis com as quais podia contar severamente. E outra vez perscrutava, de soslaio, para ver se seu amigo e amado havia voltado, e vendo que este, não apenas estava de volta, mas lançava-lhe os mais ternos olhares, decidiu-se que não mais tocar-lhe-ia, caso este jurasse-lhe que não mais o abandonaria.

Quando se analisa, de modo criterioso, tem-se que todo o ambiente bucólico contribuiu para este estado particular de interação do personagem consigo mesmo, porque o diálogo que travava com sua imagem era reproduzido através do eco produzido pela floresta; ou seja, tecnicamente, conversava com outro indivíduo, o que já elimina a ideia de estado demencial. E, se por acaso, alguém perguntasse-lhe com quem conversava, poderia dizer que era com Narciso, na ideia de que este fosse um alguém com o mesmo nome que o seu, exatamente, porque não conhecia a si mesmo através do reflexo.

Esta se mostra como a situação mais embaraçosa que o ser humano pode enfrentar na busca pelo entendimento, porque a única coisa que ele passa toda sua vida sem conseguir ver é o seu próprio rosto. Está sempre à vista; mas, é jamais visto. Narciso foi uma criança que, devido ao vaticínio do Oráculo, sua mãe o manteve longe de sua representação imagética visual; por isso, ficou preso na fase do *Estádio do Espelho*, em que, ao não experimentá-la e, vivenciá-la, não pode compreendê-la e assim a transpô-la, consolidando sua construção personológica.

Lacan explica que, “o *estádio do espelho* é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência



para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica - e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental” (Lacan, 2009, p. 103).

O ser humano, ao nascer, é uma *tabula rasa*, em que tudo o que necessita para viver e obter sucesso em uma sociedade organizada precisa ser-lhe ensinado e, até mesmo tudo aquilo que vá aprender e apreender através da experiência individual haverá a necessidade de que lhe seja explicado, como acontece, porque acontece e o valor que pode agregar ou não a si e aos seus coetâneos. Os instintos que são inatos ao homem são muito poucos e ainda se mostram insípidos no que se refere à sobrevivência deste, especificamente, pelo fato de que o lapso temporal de amadurecimento do gênero humano é, demasiadamente, longo.

No caso específico da imagem, esta é uma condição particular, porque o próprio ser necessita ser apresentado a si próprio, através de uma imagem invertida, com a qual cria um laço simbiótico que jamais se rompe, a destacar a mãe e, é esta figura complexa que apresenta a criança ao seu outro eu, dizendo que é ele mesmo aquele que vê estampado sobre uma superfície lisa, plana e muda.

O mais interessante é que, sem a passagem por esta fase, não há como o ser humano formar o seu ego, criar suas condições de vaidades e auto definir-se a partir do julgamento sobre o outro; porque será sempre um juízo de valor sobre uma representação de si mesmo, e ainda que se diga que não está bem, bonito ou capaz de encantar, referindo-se em primeira pessoa, o inconsciente sempre revela este critério de valor não a partir do outro; mas, sobre o outro e em relação ao outro. Por isto, Lacan utilizar o termo *identidade alienante*.

O que Lacan expressa como um termo é, de fato uma condição muito complexa e que a análise apressada conduz a um erro de interpretação de difícil solução, como o que aconteceu com Narciso e vários outros personagens da mitologia e que, mesmo já havendo discussões profundas que dão outra característica semântica ao conto, ainda persiste a compreensão do senso comum. No caso do narcisismo, tem-se uma identidade que mantém o indivíduo vinculado a ela; porém, ele ignora, por completo, que seja ele mesmo e, ao mesmo tempo, depende de sua manutenção para seguir vivendo, tamanha é a sua carga catexial de solidão.

A expressão identidade alienante pode ser interpretada como um tipo de comportamento em que

o indivíduo cria uma estrutura personológica perfeita e se espelha nela, encontrando ali o seu ideal, não porque seja; mas, porque se projeta nele, sobre ele e a partir dele, não havendo qualquer razão para que seja diferente, porque o estado de esquizofrenia que o atinge é tão intenso que o completa em meio à sua loucura.

O personagem mitológico Narciso se encanta tanto com a figura imaculada que reproduz no espelho das águas do lago que decide fundir-se a ele, tornando-se um outro, mais encantador e mais belo, o que revela o estado patológico do próprio Narciso quanto à sua própria condição de ser perfeito e mergulha no lago não para encontrar aquele por quem se apaixonara, mas a condição perfeita que ambos poderiam tornar-se. Isto se traduz pela lógica de que, um egodistônico somente tem condições psicológicas de reproduzir uma visão distorcida de si mesmo. No caso do jovem criou uma caricatura de um ser que estava para além da perfeição e que precisava descobrir outro tão exaltado quanto ele mesmo e, ao encontrar(se), é levado ao extremo da paixão, não abandonando-o, ou seja, faz uma transferência negativa, porque quem temia ser deixado era ele próprio; sufoca a si mesmo e procura sufocar o outro utilizando, para tanto, o amor que sente em direção a si mesmo; porque, de fato, era a única coisa que conseguia sentir na vida.

A lenda conta que Narciso parou de se alimentar apenas para ficar entregue ao seu amigo refletido no espelho d'água. O que ele havia encontrado era a sua perfeição materializada naquele local e, por mais que tenha procurado em outros lugares, não fora possível enxergá-lo, daí porque os mitólogos disserem que tratava-se de uma maldição lançada sobre o jovem pelo deus Rio, a pedido de sua filha a ninfa da floresta Eco, por haver sido rejeitada pelo rapaz, quando de suas investidas amorosas. Uma vez amaldiçoado, não havia como escapar das mãos das Moiras, que teciam seu destino de forma inexorável.

O mesmo sentimento é o que acomete o paciente com narcisismo; em que este se enxerga sob um estado tal de perfeição harmônica, porque não depende de nenhum outro para ser feliz, a sua existência se basta para atingir o seu estado de êxtase; porque, no mundo que construiu em seu pensamento e no qual vive imerso tudo é perfeito, sendo produzido para um único ser habitar, o seu igual, de onde não poderá jamais sair. Porém, este seu igual que projeta para dentro de seu mundo psíquico é ele mesmo e não uma projeção de si mesmo, o que pode parecer confuso; mas, o que ocorre é que o narcisista sente aversão por qualquer outro que não seja ele mesmo, porque apenas ele é dotado de estado de perfeição e harmonia tal que valha o sacrifício de entregar-se totalmente. A condição de adequar-se ao outro e ao seu mundo e ainda ao seu estado de ser o incomoda de tão profundo que isto é entendido como uma



profanação da sua natureza perfeita e imaculada. Por este motivo que o narcisismo ser considerado uma patologia, uma doença psíquica que necessita de tratamento; embora o próprio não o entenda assim, porque não se enxerga como um alguém real; apenas, como um alguém produzido por sua própria imaginação.

O narcisista patológico é o indivíduo preso na fase do *estádio do espelho*, em que permanece sem conhecer a si próprio; logo, não pode reconhecer-se ao ver sua própria imagem; assim que, aquele que enxerga refletido, sem saber que se trata de uma miragem, ao modelo do personagem mitológico original é uma visão sobre e para a qual atribuiu um valor simbiótico, semântico e simbólico. Na sua condição esquizopática, continua sem compreender que, impossibilitado de conhecer-se e ao seu modo de ser, julga a todos como inferiores e, é a partir deste julgamento, sempre pejorativo, dirigido àqueles que estão ao seu redor, que se reconhece superior aos demais e cada vez mais apaixonado por sua própria perfeição vislumbrada no espelho de sua imaginação.

Como se percebe, o estado narcisista é uma fase natural inerente ao ser humano e que termina se tornando patológica quando não superada por uma condição adequada de disciplina e de formação da personalidade individual e coletiva. Narciso, desde cedo fora criado na selva, ausente de contato com qualquer outro tipo humano, a não ser a sua mãe que, ao receber o oráculo, cuidou de mantê-lo afastado do convívio social, uma vez que em qualquer situação seus companheiros lhe mostrariam sua imagem e a maldição lhe acometeria. Quando Eco lhe insinua por seus amores soa natural que a tenha rechaçado; não tivera contato de qualquer espécie no sentido de compreender as relações sociais humanas, em todos os seus sentidos simbólicos.

A maldição da ninfa Eco sobre o encantador Narciso é explicada pelo fato de que este descumpra uma lei sagrada que era a do matrimônio; ele se recusa a unir-se a uma mulher e o celibato era o tipo de crime sobre o qual se aplicava a pena mais severa na Antiguidade. O pensamento pragmático grego se aplicava a todos os seres vivos; todos, sem exceção, deveriam mostrar-se úteis à *Physis*; aquele que se recusasse, não interessando a sua natureza psíquica ou seu interesse particular, deveria ser punido de forma exemplar, para que a sua atitude não fosse estimulada a ser seguida por outros. Não se conhecia, ainda, o princípio psicológico da natureza humana, a subjetividade não existia e nem era considerada; apenas o princípio sociológico, em que se obedecia à lei e esta servia aos interesses da sociedade. Assim que, a própria sociedade cuidava de apresentar o indivíduo a si mesmo como parte e responsável pelo grupo no qual estava imerso; de alguma forma, conheciam este estágio especial e particularíssimo do

desenvolvimento humano; porém, procuravam tratá-lo como um elemento a ser superado em nome do bem-estar coletivo e não individualíssimo.

Lacan (2009) esclarece que, o *estádio do espelho* é uma fase que está compreendida entre os seis e os dezoito meses de vida do bebê humano, em que ele ainda não se reconhece como indivíduo, dependendo que um adulto o dirija para o entendimento de que a imagem do que considera como um outro refletida no espelho é a dele e isto se dá por meio do discurso. Como o ser humano é um ser da ontogenia, ou seja, ele repete o comportamento próprio em fases posteriores de sua vida, nesta fase, esta sensação de não reconhecimento de si mesmo conduz o adolescente a um estado esquizóide em que não reconhece a si mesmo e necessita de uma afirmação heterônoma que seja capaz de validar sua crença em quem seja.

Ao se tomar a interpretação do mito de Narciso sob esta óptica, o que se tem são os gregos da era antiga referindo-se à incapacidade do ser humano de reconhecer-se a si mesmo no estágio desenvolvimental da adolescência e, não se tratando de analisar um indivíduo que se perde admirando a beleza estética de uma imagem formada no espelho das águas de um lago cristalino. A interpretação contemporânea do mito, em meio aos estudos clínicos apresenta alguém tão ensimesmado que, a sua resistência em atravessar o espelho da superfície pode estar a esconder um medo inconsciente de enfrentar a realidade que esteja a ser revelada após ele, o que faz dele um ser tímido, vivendo sob um estado de angústia de perder aquilo que conquistou, dominado pelo sentimento de posse.

De qualquer forma, o indivíduo narcísico é aquele que não se conhece; ele ignora até mesmo a sua identidade como ser pertencente a uma espécie; situando-se entre o que se poderia classificar como um animal e um humano, porque pensa, fala, raciocina, possui sentimentos e pensamentos superiores; no entanto, não sabe como aplicá-los à realidade objetiva, porque da mesma maneira que ignora a sua identidade como indivíduo, também ignora-a quanto ao sentido fenomenológico da mesma. É como se tudo o que está relatado acima ocorresse porque ele simplesmente, não existisse no plano psíquico.

Mas, eis a questão, como alguém que não existe, para si, no plano psicológico, pode existir no plano físico? É aí que ocorre a projeção literal de si em uma imagem construída em sua cabeça, mas que, como não se conhece não pode reconhecer-se e ao se deparar com esta produção em alguma superfície a toma como um outro, reverberando o som de sua própria voz como a um eco a que recebe e interpreta como a voz alheia, ou seja, por mais intrigante que se



apresente, reproduz, *ipsis litteris*, a situação conforme descrita na mitologia, com o personagem original.

O que desafia é saber que tipo de negação ao desenvolvimento libidinal precisou afetar o indivíduo, ainda em tenra idade, para que toda a sua capacidade de percepção de si mesmo fosse adulterada ao ponto de tornar-se irreconhecível, abandonado ao seu próprio vislumbre estético sem ter consciência de que está a amar, de uma forma complexa e extasiada o seu próprio orgulho, porque incapaz de perceber que está a transferir para esta sua criação o que possui de mais íntimo e profundo. Mas, nem mesmo sabe que ama, porque desde cedo, não amado por nenhum outro indivíduo, entendendo por isto, os cuidados psíquicos que conduzem o ser humano a ter uma personalidade que se dirige do objeto próprio ao objeto alheio, repetindo um processo ontogenético, onde a primeira realização de tal ação é na tentativa de recondicionar-se ao estado fusional com a mãe, este rompido por ocasião do parto. Logo, tem-se que o narcísico não ama e nem ao menos sabe que não ama, porque desconhece por completo o sentimento ao qual se faz referência.

Assim que, até mesmo a imagem projetada vive na ilusão de que recebe algo sublime e isto explica porque, em pouco tempo, ela se entrega ao destino fatídico; é o momento em que a ilusão chega ao fim e não existe mais como manter a farsa de uma vida e de uma existência que extrai do nada motivos para acreditar que se é feliz, se é amado, mesmo sem saber o significado disto, que possui alguém que atravessa a sua existência com sua felicidade. Um dia, o próprio narcísico, se encontra de posse de conhecimentos que o levam a compreender que nada daquilo que vive é real; logo, o seu alterego também dominado por um egodistônico é nada mais que uma expressão de uma irreabilidade, não construída por si mesmo, não sendo nem uma realidade construída por alguém com a finalidade de negar-lhe a felicidade, ou seja, encontra-se perdido em sua própria ilusão a que passa a ser molestado por ela, por ter-lhe traído e a ela, também, incapaz que se encontra de separar entre a realidade e a alucinação esquizofrênica que alimenta o seu ego.

A pergunta é, relativamente simples, mas o que o levou a fixar fixado na fase do *estadio do espelho* é o grande desafio posto ao analista, em que aquilo que determinou o trauma e a posterior geração de um sentimento incapaz de ser superado, fazendo com que se chegasse a uma idade em que não ocorrem transmutações ontogenéticas e, como consequência da não ocorrência destas, as transmutações filogenéticas também deixam de acontecer, gerando um indivíduo que, dentro do escopo de sua espécie, não pode ser reconhecido.

Segundo Freud (2006, p. 22), “em pessoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu perturbação, descobrimos que não escolhem seu posterior objeto de amor segundo o modelo da mãe, mas conforme o de sua própria pessoa. Claramente, buscam a si mesmas como objeto amoroso, evidenciando o tipo de escolha de objeto que chamaremos de *narcísico*.”

O que se pode depreender, a partir desta assertiva é que, Narciso não era um jovem de desenvolvimento psicosssexual normal, nem sua libido havia sido trabalhada de forma direcionada para uma maturidade psicológica estável, o que o leva a apaixonar-se não pela sua própria imagem; mas, por um ideal que cria a partir de seu Ego patológico. Nunca é somente esclarecer que na psicanálise de orientação freudiana, quando se trata de desenvolvimento sexual, toma-se como todo o eu e suas aceções em direção à formação de sua condição personológica. A natureza humana sempre orienta o indivíduo a crescer em direção a um objeto de amor e de desejo, nesta ordem, com o intuito de dar continuidade à espécie e, da forma mais elementar que se pode conceber, todo ser humano ama a extensão do seu eu reproduzido na figura do outro, a quem imagina ser igual a si e assim o espera que seja, para sua satisfação mais profunda. No caso dos narcisistas esta transferência não ocorre e eles terminam admirando, de maneira intensa, o que lhe parece ser o mais marcante em si, a projeção estética de si mesmo em si mesmo.

Esta é uma construção muito natural do ser humano, em que a grande diferença do narcisista é que o indivíduo de psique normal consegue fingir que está amando alguém que é diferente de si e que possui valores, também, na mesma proporção de conflitos. Assim que, o narcisismo é a incapacidade de esconder dos outros estes sentimentos e o consciente não disfarça aquilo que o atravessa como uma situação que não lhe desperta sentimentos antagônicos; ele é indiferente a estas manifestações e, em especial àqueles que tentam demonstrar parecer diferentes quanto aos sentimentos e pensamentos em relação a si.

Os gregos procuravam realçar a questão da estética sobre os personagens representados em seus mitos; mas, até que ponto a questão da beleza é um fator condicionante para a manifestação do narcisismo? Este é um ponto intrigante e que induz a pensar sobre as motivações inconscientes que levam ao ponto de convergência acerca dos sintomas ligados ao transtorno e, o mais interessante é, quando ele se torna uma doença ao ponto de precisar de interferência clínica? Na mitologia, os deuses intervêm, imortalizando-o, metamorfoseando-o em uma flor de rara beleza; mas, na clínica, em que o terapeuta o pode transformar?



Aprofundar a interpretação do narcisista de que ele somente ama a si mesmo e, com isto, já se quer afirmar que não dispõe de amor em direção a outro objeto; porém, não se esclarece que tipo de sentimento e em que medida seria necessário dirigir a alguém para que não se pudesse ser considerado um narcisista. Rousseau (2009) esclarece que o amor é uma construção que se sustenta sobre a condição de manutenção da ilusão constante; ausente este elemento, não se tem mais qualquer espaço para sentimentos profundos e estranhos em relação a quem quer que seja. Eis que levanta a questão: Mas, “o que é o verdadeiro amor além de uma quimera, uma mentira, uma ilusão? Amamos muito mais a imagem que criamos do que o objeto a que a aplicamos. Se víssemos o que amamos exatamente como é, já não haveria amor na Terra. Quando deixamos de amar, a pessoa que amávamos permanece a mesma de antes, [só que] não a vemos do mesmo modo [que antes]; o véu do encanto cai e o amor desaparece” (Idem, 2009, p. 473).

Tomado pela orientação do pensamento do filósofo francês, todo aquele que argumenta amar a alguém é, em tese, um narcisista que conseguiu disfarçar a sua vaidade projetando-a sobre alguém que, de uma forma estranha atraiu sua atenção e deixou-se seduzir por sua ilusão criada como uma forma de escapar do enfado da existência. Narciso morre porque entrega-se, de tal forma, à sua ilusão que permite que esta o envolva de forma profunda e apaixonada, não permitindo que encontre felicidade fora daquele mundo; fora de si.

Que mensagem os gregos quiseram transmitir com este conto? Ou, simplesmente, apenas buscaram ampliar seu repertório clássico através de uma história de um jovem que se perdeu de amores por uma figura que viu refletida no espelho produzido pelas águas cristalinas de um rio e, isto vem a ser tratado como uma patologia quando se cria a ideia insana de que não sendo capaz de transferir o amor próprio a outrem isto induz a uma condição de *hybris*, um ato de arrogância, um atentado ao princípio mais duro da natureza que é o da perpetuação da espécie.

Os gregos foram honestos neste sentido, em que não estavam nem aí se alguém amava a si mesmo mais que qualquer outra coisa na vida; no entanto, esta atitude feria a lei contra o celibato e assim, o encantador Narciso precisa ser punido, com a morte; uma vez que era inútil à natureza e à Pólis. Este princípio pragmatista da existência humana é ainda o que determina o estudo de Narciso e do narcisismo, como patologias. Ele se nega a ser interpretado como objeto de satisfação de alguém além de si mesmo; ele é belo, portanto, independente.

Contrariamente a toda esta exposição negativa do sentimento de Narciso, fazendo com que sua auto imposição de independência e auto valor supremo, tem-se alguém que se derrete de amores por alguém que encontra no espelho do rio. Ele desenvolve um *pathos* por esta figura que lhe responde pelo mesmo nome que ele, sem que saiba, consciente e inconscientemente, que se tratava de si mesmo. Este sentimento é em direção a um alguém que rompe com seu estado de solidão absoluta e, não se satisfazendo com suas fugas toda vez que busca tocá-lo, mergulha em busca do objeto amado, morrendo imerso na felicidade do contato esquizofrênico com seu objeto de amor.

Neste sentido, Ferraz acrescenta que “o belo Narciso é independente, porém vive na solidão; evita qualquer aproximação, não respeita a sociabilidade. É imerso em si, anula a alteridade (o outro). Tem tudo, basta-se a si mesmo. É prisioneiro de sua própria aparência que lhe é irresistível e isso o faz sofrer. Sofre porque não consegue ter aquela imagem para si. Está tão próximo e ao mesmo tempo tão distante. Representa o eterno dilema da auto-sedução que não se realiza. Tem e ao mesmo tempo não a tem, porque essa é intocável, pode ser somente contemplada. É um amor platônico por si mesmo. Tocar a fonte de Téspias seria deformar aquela imagem tão bela e tão perfeita. Seu desejo é devorar-se a si mesmo. Tem a beleza desejada, idealizada, que todos querem possuir” (Idem, 2016, s.p.).

Ocorre que, diferentemente do que se tende a pensar, a solidão a que está confinado Narciso, ela não lhe representa um estado de espírito punitivo; é uma decisão e é interpretada pela Pólis como um crime; não porque alguém estava proibido de amar a si mesmo; o problema é não deixar herdeiros, esta negação ao desenvolvimento da espécie e, nem sempre é por sua própria decisão, mas vem através das mulheres. O jovem e encantador Narciso é amaldiçoado pela ninfa Eco, a quem rechaça o amor erótico.

Esta questão da erotização na Grécia é de uma complexidade sem fim; ela é completamente diferente do que se tem e se interpreta na atualidade e este detalhe, se não tomado de forma transparente, induz a todo tipo de erro que se possa possível. A partir dos 7 (sete) anos de idade, o que para o indivíduo do século XXI é, ainda uma criança, um menino ou uma menina, era para eles um adulto, já pronto para o casamento e as nomenclaturas de homem e mulher, referiam-se ao sexo, explicitamente, e não à questão de desenvolvimento corporal. Podia ocorrer que um adulto se tomasse de amores por um destes pequenos sem que estes últimos estivessem sequer adentrado a fase transferencial do erotismo, ou seja, ainda estivessem



na fase de latência, não despertados para o amor que conduz ao desejo erótico.

Com relação às meninas havia tradição que as protegesse, ao menos, em parte de possíveis agressões. Já os meninos estavam desprotegidos de qualquer ataque feroz advindo de parte das mulheres, na Grécia Arcaica e, mais tarde, dos homens, também, na Grécia Clássica. Possivelmente, Narciso estivesse nesta fase de desenvolvimento de sua psique quando fora visto por Eco que, de imediato, tomou-se de amores; mas, por uma questão psíquica, não fora correspondida à altura de sua paixão, entendendo tal resposta do jovem como repulsa, aversão ao sexo oposto, produzindo como contra resposta, a ira, o que a faz a pedir à deusa Nêmesis, que o castigue.

O grego não conhecia a Psicologia e, na mitologia arcaica e clássica da Grécia não existe tal elemento; apenas o aspecto sociológico da coisa em si e, tudo o que sucedia àqueles que eram amaldiçoados era por vontade dos deuses, que controlavam tudo na *Physis*. Embora seja graças aos seus relatos fenomenológicos que se pode construir uma psicologia que [quase] se tornou capaz de desvendar [quase] todos os comportamentos e conceitos humanos, eles não a criaram, modelaram e aperfeiçoaram porque não consideravam o determinismo individualista. Outro ponto que deve ser considerado em sua dimensão sociológica é a questão da estética. O grego era aficionado pela beleza e, a história já começa por afirmar que Narciso era um jovem de rara beleza, o que faz a Ninfa da Floresta Eco apaixonar-se por ele, como ele próprio apaixonar-se pela visão com a qual se depara no espelho da superfície do rio.

Uma versão, também conhecida do mito de Narciso e que, bem pode ser oriunda de outras regiões da Grécia, reza que no dia do seu nascimento, sua mãe, a ninfa Liríope consultou o adivinho Tirésias que vaticinou que o recém-nascido teria vida longa desde que jamais contemplasse a própria imagem. Interessante que, do ponto de vista da abordagem semântico-conceitual adotada por este artigo, esta versão do conto se aproxima muito mais de uma possibilidade para a defesa que aqui é apresentada, a de que, por não ser posto diante de nenhum espelho, não passou pelo estágio do espelho, fazendo com que ficasse preso nesta fase e, quando, por acaso, se depara com a situação, sozinho e já em uma fase de desenvolvimento psicológico que busca um companheiro platônico, ao invés de sentir ódio pelo outro que se reflete nas águas, toma-se de amores por ele, embevecido pela beleza que expressa diante de seus olhos.

Há que compreender que está-se a falar de uma beleza que se estampa na figura do outro; não na própria, uma vez que tratar a soberba de Narciso

como vaidade estética é um erro crasso; afinal, ele jamais tinha visto a si próprio e à sua imagem refletida em qualquer superfície. Daí, a defesa apropriada neste ensaio de que ele apresenta os sintomas da fase do estágio do espelho. Ele se perde encantado por uma beleza que o atravessa; no entanto, esta beleza está fora do alcance até de si mesmo e isto o leva a um estado de desespero tão grande que o que resta-lhe é a frustração iminente e como consequência advinda deste sentimento, lança-se à loucura, como sua última aventura alimentada por um *pathos* inebriante. “Às vezes isso provoca a ruína, o que significa ver somente o ideal de si, um rosto bonito e não uma pessoa em sua inteireza. É uma imagem com muitos rostos onde o próprio EU não entra e esses rostos se confundem. Há o desejo de se tornar sedutor(a), de despertar desejos. E o sedutor(a) adquire uma imagem que não é sua, tem outra identidade, pois seu ego é frágil, nada sedutor” (Ferraz, 2016, s.p.).

Temos aqui a grande complexidade que foi para Freud introduzir os estudos sobre o narcisismo em sua investigação, porque não está-se mais a abordar a questão da neurose e já adentra o campo da esquizofrenia, do psicótico que, diferente do neurótico, não fala nem busca um espaço de convivência com o meio social. Ocorre que Narciso desconhece aquele a quem dedica o seu amor e, na medida, o aceno erótico-afetivo que recebe é, diretamente, proporcional ao que oferta; existe aí uma simetria que já demonstra a situação não mais humana, que somente poderia advir de um egodistônico; porque, diferentemente do que todos ostentam como verdade inquestionável, o equilíbrio emocional entre dois amantes somente se sustenta como equânime quando analisado sob um contraste representativo. Exatamente, como o Mestre de Viena muito bem compreendeu a incapacidade de transferir qualquer tipo de amor a outrem faz com que o reverta para si mesmo e isto se dá de forma integral.

Todo este processo dinâmico de transferência afetiva é determinado pelas relações familiares e que, isto pode ser agravado quando se trata de filhos únicos, em que este não aprende a competir com ninguém, por nada e, via de regra, nestes casos, a mãe se torna uma figura super protetora em relação à criança. Impedida de amar o próprio filho fora de padrões que seu instinto a impele, acaba por impulsionar a criança a amar a si próprio, porque isto o mantém afastado de dedicar seu amor a um estranho; assim que, o desejo não satisfeito é direcionado a um objeto o qual se permite tal condição.

Neste sentido, a proposta de Freud em perceber que este amor sobre si mesmo, é uma patologia artificial; porque não se pode tomar como natural esta condição e muito menos algo produzido pela *Physis*, o que soa muito convencional quando se procura uma resposta



para temas de extrema complexidade. Narciso, ao nascer é levado a um oráculo que diz à sua mãe que, se algum dia mirasse o próprio rosto morreria. Ocorre que, o rosto é a parte do corpo humano que jamais se consegue enxergar; a imagem produzida pelo espelho é uma condição inversa, não real; o ser humano toma uma ilusão como realidade e a partir dela julga toda e qualquer condição interpretativa.

Nisto, tem-se que Narciso está condenado a uma ilusão dada ao homem pela própria natureza e, não satisfeito constrói a sua própria ilusão sobre e a partir do que acredita ser uma realidade que o completa como ser. Um oráculo é sempre uma situação expressa que necessita de entendimento e de uma interpretação; mas que dada a condição de dubiedade e de incertezas com que se expressa, dificilmente o consultante preocupa-se em buscar a resposta em si mesmo; crendo que o esclarecimento é uma condição externa a si, o resultado da essência da experiência que acontece de forma alheia.

Tomando este viés interpretativo, o que Narciso sente em relação ao objeto a quem dedica atenção e, a uma distância incomensurável, ousa-se argumentar que seja amor o que sente pela imagem e isto revela que ama a si mesmo com a mesma intensidade representada? Esta bem pode ser uma interpretação ingênua que se nega a considerar que exista alguém que se basta em tão dimensão afetiva que é capaz de ignorar a todos à sua volta; mas que, a condição humana, demasiado humana de ver-se refletido no outro [ou melhor, de ver-se representado pelo outro] em diversas formas, faz com que admire a projeção refletida sobre o espelho.

Não se pode espantar com a ideia de que o primeiro ser humano que se tenha visto como imagem refletida sobre alguma superfície tenha sido tomado pelo susto e tenha fugido em estado de completo pavor. Este comportamento é observado, ainda hoje, quando crianças são postas, pela primeira vez, diante de um espelho e o seu primeiro estado de comportamento é a tentativa de fuga; em seguida é tomada de ira contra o [possível e potencial] usurpador de seu espaço.

O que difere Narciso de um ser humano normal é a idade com que se defronta com a imagem no espelho do rio; já adiantado em seu desenvolvimento psíquico, buscando alguém com quem pudesse compartilhar sua existência, não no sentido erótico de compensação afetiva; mas, no fato de se ter alguém com quem compartilhar a própria essência narcisista existencial, inerente ao ser humano e, por este motivo, quando se depara com aquele belo mancebo satisfaz-se em admirar-lhe a beleza que encanta por si só e que, da mesma forma e com o mesmo olhar encantado, também admirava a sua beleza.

Um detalhe que escapa ao entendimento é o de que, tem-se a intenção de compreender o narcisismo [enquanto patologia psicologia] através da interpretação do mito e, o máximo que se pode aproximar é da condição de que o personagem foi induzido àquela situação e, este é o ponto em que, na atualidade, configura-se como o calcanhar de Aquiles, porque quase todos os terapeutas querem crer [e, ainda querem fazer crer] que esta condição é uma manifestação natural e inerente ao ser humano, parte essencial de sua existência, não uma consequência de uma educação débil e inconsequente que acaba por determinar a construção de uma personalidade que não se reconhece, heterônoma.

Freud apresenta uma analogia diferente acerca do narcisismo mostrando que a sua manifestação e expressão exercem um fascínio sobre aqueles que vivem agarrados à vida alheia como parasitas, por possuírem, em sua essência, um ego frágil, impotente. Segundo ele, “o narcisismo de uma pessoa tem grande fascínio para aquelas que desistiram da dimensão plena de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetual; a atração de um bebê se deve em boa parte ao seu narcisismo, sua auto suficiência e inacessibilidade, assim como a atração de alguns bichos que parecem não se importar conosco, como os gatos e os grandes animais de rapina; e mesmo o grande criminoso e o humorista conquistam o nosso interesse, na representação literária, pela coerência narcísica com que mantêm afastados de seu Eu tudo o que possa diminuí-lo. É como se os invejássemos pela conservação de um estado psíquico bem-aventurado, uma posição libidinal inatacável, que desde então nós mesmos abandonamos” (Freud, 2006, p. 23).

Aqui ele abre um precedente para afirmar que um indivíduo, aparentemente, normal busca seu equilíbrio em outro, considerado como de cunho patológico a fim de encontrar uma condição que possa, ao menos, conferir-lhe uma gama de estabilidade emocional que, por algum motivo possa ter perdido e o Mestre sempre negou adentrar o campo da biologia; mas, é bastante possível que a mulher, em certa medida busque tal condição no seu futuro consorte, a quem transfere sua condição de submissão e/ou aparente fraqueza, na tentativa de obedecer a um preceito natural que é o da perpetuação da espécie.

A questão central é que o narcisismo nunca é abandonado pelo indivíduo; é, tão somente, sublimado de tal forma que satisfaz as exigências sociais através de uma educação refinada e muito bem conduzida em direção a interesses superiores e dinâmicos. Não se sabe quando qualquer referência ao problema passou a ser tratado como uma patologia e, o problema ao tornar-se de consenso comum, uma vasta literatura sobre o tema se insurgiu no cenário,



patologizando o assunto de forma pouco técnica e científica.

Freud (2006) é muito cuidadoso ao abordar o assunto e esclarece, com uma perícia magistral, que esta condição é um mecanismo de defesa humano para preservar a própria existência, a identidade, a estrutura personológica como um todo e o próprio ser. Ao se fundamentar no personagem mitológico grego, tem-se que aprofundar na análise da construção intelectual do pensamento do indivíduo e quais as condições e causas internas e externas que o levam a perder-se de amores por uma figura a qual somente podia admirar.

Do ponto de vista antropológico, esta é a condição humana, em sua expressão mais natural; porque, tudo aquilo que o indivíduo produz é objeto pacífico de admiração por ele mesmo e, quanto mais seja reconhecido por seus pares mais o seu ego vai se tornando voltado para e sobre si mesmo. Este é um processo que induz à criatividade, ou seja, sem este sentimento narcisista que compõe a estrutura personológica humana, o próprio mecanismo de desenvolvimento da espécie poderia ser posto em xeque.

Tudo isto leva a compreender que o narcisismo não pode ser estudado, analisado e tratado, exclusivamente desde o ponto de vista psicológico, como se fosse uma patologia sobre a qual a Psicologia se detém conhecimento e poder suficiente para extirpá-la do paciente, fazendo todos os sentimentos desaparecerem como se nunca tivessem existido. Começa-se pelo fato de que o mito de Narciso surge em um momento em que as interpretações das situações humanas eram dadas através da sociologia, do coletivo; tanto que alguém se sentiu ultrajado pela postura do indivíduo suplicava aos deuses uma punição contra aquele que havia incorrido em *hybris*.

O mais interessante na análise do processo é que o mesmo sentimento que consumiu os antigos gregos continua a devorar os indivíduos da contemporaneidade acerca do tema, a ira contra alguém que despreza a todos, que não considera a ninguém mais além de si como ideal. O que se percebe é que ninguém está interessado na saúde psíquica do narcisista patológico; estão é muito preocupados com a sua própria visibilidade demonstrando um ego fragilizado da sociedade em geral que não suporta ser ignorada por um único ser. O fato de ser invisibilizado por um alguém desconhecido revela muito mais sobre a carência afetiva egóica do grupo que sobre o fato de ser uma patologia que interfere, de fato, sobre a vida de qualquer um.

Esta é uma condição a qual Freud tentou esclarecer, de uma maneira sutil e técnica, esclarecendo pontos

que até então [e depois de então] ninguém teve interesse em discutir, porque fala sobre uma existência coletiva construída *a fórceps* e imposta, *ipso facto*, àqueles que aceitaram as condições sociais como foi pensada por algum ideólogo demagogo. Se o sentimento como tal não desconstrói a essência do indivíduo, não pode ser tomada como uma patologia; assim, o estudo sobre tal dimensão não se expressa como um caráter empírico semântico-conceitual.

Na concepção de Freud (2006, p. 24), uma pessoa narcísica ama:

- “a) o que ela mesma é (a si mesma),
- b) o que ela mesma foi,
- c) o que ela mesma gostaria de ser,
- d) a pessoa que foi parte dela mesma.”

Tomando esta apreciação dada pelo Mestre de Viena, o narcisista é aquele ser que não encontra dúvidas quanto à sua essência e ao seu poder, está em consonância, sintonia e harmonia com seu ego, em que não se envergonha [ou, na réplica cristã], não se arrepende daquilo que foi sua existência pregressa e que tem plena convicção de suas escolhas; ou seja, não se arrependerá e nem ao menos preocupa-se com tal condição, porque jamais acontecerá, uma vez que detém um egossintônico, o que contraria as ideologias criadas sobre ele, em que procura tornar o narcisista um doente dos nervos e alguém que deva ser curado, como se carregasse uma doença terrível.

A interpretação de Freud permite concluir acerca do que relatou acerca da maternidade quando referiu-se às mulheres e às suas condições narcísicas. Deve-se ter em conta que Freud nunca considerou o narcisismo como uma perversão, em si, ou um estado psicopatológico que necessitasse de intervenção terapêutica iminente. Para ele, era uma instância que fazia parte da essência humana, responsável mesmo pela construção da estrutura personológica adulta. Difícil dizer quando este sentimento passa para o campo da patologia psíquica, exigindo tratamento, sem que se saiba, exatamente, o que fazer para se alcançar uma solução.

O tratamento do narcisismo é uma controvérsia e um disparate total; porque, via de regra, o que se busca em uma terapia é o fortalecimento do ego do indivíduo e, esta é uma condição exacerbada nos indivíduos que são diagnosticados com o suposto problema. Assim que, partindo desta hipótese o profissional deve amolecer o orgulho do paciente, fazendo com que vire em outra direção e encontre vazão para coisas que espelhe a sociedade em meio a isto. Tudo parece muito didático e inebriante; mas, o que reflete é uma sociedade decadente que não suporta o indivíduo resolvido consigo mesmo.



Somente em uma sociedade que perdeu a noção de força e, junto com isto, foi-se também a sua liberdade individual que o narcisismo passa a ser tratado como uma doença a ser extirpada, como se o resultado desta castração psicológica produzisse um ser humano melhor, mais dócil, mais harmonioso com um grupo de seres desprovidos de seus respectivos egos naturais e doutrinados em torno de um ego artificial, que responde a um comando genérico. Esta paixão por si mesmo, ou melhor, por um ego que vê refletido na sua mais autêntica projeção em que se agarra a ela como a uma ilusão é o que permite com que se sobressaia a todos e aos desafios.

O personagem mitológico desapareceu-se da vida em favor de um amor que não pode ser compreendido por uma sociedade que não consegue interpretar a *philia* (φιλία), a amizade, entendida por extenso, como expressa por Aristóteles (384-322 a.n.e.) que a definia pela existência de uma única alma em dois corpos. Em uma sociedade, uma era que aprendeu a tratar a tudo e a todos a partir de meias medidas, a intensidade da vida passou a ser compreendida como uma culpa e aqueles que a entendem e a adotam como a expressão da paixão pelo ser, precisam ser adestrados, em nome de um bem maior; se não, em nome de uma patologia que o torna diferente, mais forte e autônomo.

O estudo acerca do narcisismo é uma condição complexa; porque, simplesmente foi elevado à categoria de patologia psicológica por conveniência social e não encontram uma solução plausível que justifique intervenções terapêuticas, exatamente por não se tratar de uma condição que provoque qualquer tipo de inconveniência para o próprio indivíduo, atrapalhando a sua existência. Somente quando o próprio se sinta incomodado e creia que deva modificar o seu comportamento é que se deveria procurar ajuda especializada no sentido de auxiliá-lo a ajustar ou condicionar o seu estado comportamental ao que melhor lhe permita sentir-se seguro e confortável com seu modo de ser e de estar.

Na atualidade, convencionou-se a transformar tudo o que não convém à sociedade em patologias e isto, graças ao manual comportamental criado e aplicado pela doutrina católica, o que tornam as intervenções clínicas sobre algumas supostas patologias como motivos de piada. O mito de Narciso somente pode ser compreendido dentro do escopo e do campo da Filosofia e da Sociologia, partindo da interpretação dada por estas duas ciências para determinar o quanto a internalização de valores, executada em absoluto pode conduzir alguém a extremos, cabendo a intervenção das ciências psicológicas como forma de fortalecer um ego que, dadas as condições, não é dotado do poder que aparenta, cabendo ajuda no sentido de restaurar a autoestima, a autonomia que foi perdida em algum momento do percurso.

Neste sentido, de analisar a expressão narcísica como uma forma de disfarçar um ego débil faz toda a diferença a intervenção do profissional de ciências psicológicas, desde que assuma a competência de tratar os sintomas que a condição esconde e não ela em si, pura e simplesmente. Isto infere da necessidade de revisões nos estudos e em uma interpretação profunda do mito original, à luz do direito antigo, em que as leis da Pólis exigiam determinadas ações por parte dos indivíduos e, o não atendimento às mesmas culminava em retribuição de pena exemplar.

Quando se executa a transposição de um mito arcaico para uma realidade, completamente, adversa em que os valores e os costumes são muito diferentes e, para distorcer ainda mais, não se promove a transposição didática, respeitando a dimensão semântico-conceitual do objeto, característico de seu espaço-temporal, o que se tem são análises estapafúrdias e interpretações equivocadas, presas a convencionalismos, o que leva, como fim último, à decadência do pensamento e à redução do processo ao nível do senso comum abstrato.

Narciso não se perde de amores por ele mesmo; o faz em direção a um alguém que até aquele momento desconhecia e que, por razões alheias a ele, também assim se chamava e a ele respondia com as mesmas diretrizes expressivas. Tudo o que se pode entender do estudo do mito, que também é um caso, deixa bastante evidente que a observação ainda é o melhor modo de chegar a uma conclusão, uma vez que para Freud (2006, p. 10), “o narcisismo não seria uma perversão, mas o complemento libidinal do egoísmo do instinto de auto conservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo”, podendo entender disto que, tão somente a análise acurada de cada caso pode determinar se o que apresenta ao analista é um problema real ou uma mera verdade do senso comum, uma vez que na concepção do Mestre de Viena, cada ser humano carrega a sua carga de narcisismo como elemento integrante de sua personalidade e que este tem relevância na formação da *psique* humana e na energia libidinal normal.

CONCLUSÃO

A pesquisa psicanalítica tem se desdobrado na busca por elementos que consolidem os seus conhecimentos adquiridos no terreno prático da clínica, sem, sobretudo, perder seu vínculo com a semântica e com os elementos mitológicos da Era Clássica. O mito de Narciso lança luz no campo psicanalítico como forma de explicar algumas anomalias no comportamento sexual do adulto e não pode ser generalizado para os campos infantis e adolescentes, porque a análise do personagem mostra



que ele já sabia, exatamente, o que queria e o que não queria, com isto, revelando que sua sexualidade já estava definida, ainda que deformada pelo seu estado esquizofrênico, aonde não conseguia fazer a transferência de seu amor libidinal para um objeto que não fosse ele mesmo.

O ser humano só se torna homem e somente é capaz de reconhecer-se e ser reconhecido por seus pares dentro de um contexto social, ou seja, em convivência com outros iguais. Com isto, está-se referindo ao fato de que isolado, o ser humano não conhece nem a si próprio. Não estranha Narciso ter-se apaixonado pela figura que viu espelhada na água. Ele não conhecia a si mesmo, os animais não o correspondiam, não havia como este comunicar-se com eles e ao ser defrontado por alguém que falava sua própria língua como deve ter-se maravilhado e como a solidão deve ter-se sentido traída, ela que fora sua companheira fidedigna, agora era substituída por uma figura estranha. Narciso materializa o seu Eu perfeito naquela imagem espelhada e, por representar o reflexo do espelho uma visão invertida da própria coisa projetada, jamais interpretou que fosse a si mesmo; aliás, se via, em seu mundo psíquico, projetado em tamanha perfeição que, naquela conjunção bucólica elaborada pela *Physis*, imaginou ter encontrado o seu homônimo.

Muitas outras discussões e avanços nas investigações acerca desta anomalia sexual fazem-se necessário uma vez que Freud lança muita luz e de igual forma muitas dúvidas sobre o assunto, apresentando outras possibilidades de enfrentamento da situação. Pode-se chegar à conclusão de que a doença de Narciso fosse a solidão, com a qual jamais se importou de modo absoluto, até que encontra o que acredita ser tão perfeito quanto ele o era. Sem jamais ter um outro alguém para chamar-lhe pelo nome, mostrar-lhe o seu rosto, perdeu-se em meio a uma amizade sem precedentes e não literalmente em meio a um amor sensual pelo outro que via nas águas, porque não pode dizer nem que fosse refletido, porque ignorava o que fosse isto, também. Quando a imagem diz que era também Narciso, eis que se é tomado pelo encanto, porque havia se encontrado.

Eis que a confusão consome seu pensamento, porque agora o seu Eu perfeito não estava mais em seu mundo psíquico; havia fugido e estava ali, naquele espelho d'água, refletido e o que fazer para que não pudesse perdê-lo novamente? Só havia uma coisa a fazer, mergulhar nas águas e fundir-se a ele, em corpo e espírito, tornando-se um único ser de beleza e perfeição.

Para Freud (2006), o narcisismo estava ligado ao desenvolvimento normal da libido, participando de seu processo evolutivo normal, fato que ocorre com frequência na fase de latência até o início da

puberdade onde o adolescente já começa a abrir mão deste em prol da formação de casais heterogênicos ou mesmo monogênicos. Mas, ainda persiste o fator residual do narcisismo pela fase adolescente, principalmente nos casos em que os jovens viram sua atenção para os esportes, em especial aqueles que exigem dedicação e podem ser praticados na mais extrema solidão. Mesmo os que são sociais servem para esconder uma solidão interior e mascarar os sentimentos de isolamento em que vivem mergulhadas estas pessoas. Outras, dedicam-se aos exercícios físicos em que o próprio corpo transforma-se em objeto de adoração, dedicando-se longos momentos a exibirem-se diante do espelho, em busca de alguma suposta imperfeição, quando, de fato, estão admirando a própria perfeição que produzem em seus pensamentos e projetam na imagem refletida.

O grave problema que se enfrenta com relação a esta patologia é a percepção do senso comum, que tornou-se quase uma verdade incontestável, em que foi disseminada a ideia de que narcisista é aquele indivíduo egoísta, que prefere viver no individualismo e se mostra muito pouco sociável. Muitas das vezes, o indivíduo narcísico tem boas relações de convívio social. O seu mundo interior é que é um local onde somente ele tem acesso e mantém-se nesta privação sem importar-se em nada com o mundo externo.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, imensamente, aos professores e demais profissionais que contribuíram, de maneira direta e indireta, para que este trabalho fosse produzido.

REFERÊNCIAS

- BOECHAT, Fabrício. **Curso de Psicanálise Clínica - Módulo1: Teoria Psicanalítica I**. Associação Intercontinental de Psicanálise Clínica. Vila Velha, 2014.
- CABRAL, João Francisco Pereira. **Estória de Narciso e Eco**. Disponível em:
<http://brasilecola.uol.com.br/mitologia/estoria-narciso-eco.htm>. Acesso em 04 de maio de 2016.
- FERRAZ, Eustásio de Oliveira. **Aspectos de Narciso – No Indivíduo e na Sociedade**. Disponível em:
<http://www.psiquiatriageral.com.br/psicoterapia/narciso.htm>. Acesso em 05/05/2016.
- FREUD, Sigmund. (1914-1916) **Introdução ao Narcisismo, Ensaios de Metapsicologia e Outros Textos**. In: Edição Standard das Obras Completas de



Sigmund Freud. Volume XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 8. Ed. São Paulo: Atlas, 2020.

LACAN, J. El estadio del espejo como formador de la función del yo [je] tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica. En: LACAN, J. **Escritos**. México: Siglo XXI, 2009, p. 103.

MIKULINSKIY, S. P. **Ciencia, Historia de la Ciencia, Cienciología**. *Recopilación de artículos*. La Habana: Editorial Academia, 1985.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 473. [Obra pulicada, originalmente, em 1762].

SOUZA, Sérgio Rodrigues de. **O Mito Pré-Homérico**. São Paulo: PerSe, 2019.

WHITTEMORE, R.; NAFL, K. **The integrative review: updated methodology**. Portland: *Leading Global Nursing Research*, 2005.